

415

UNIÃO, FAMÍLIA E ABORTO: IMPOSSIBILIDADES LÓGICAS. *Fernanda Pivato Tussi, Ceres Gomes Victora (orient.) (UFRGS).*

Uma das notícias mais comentadas pela mídia no âmbito da saúde pública, diz respeito à gravidez na adolescência. Tendo em vista a importância e repercussão desse fato, o NUPACS, o IMS e o ISC, desenvolveram o projeto Gravidez na Adolescência – Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil, que visa explorar questões relacionadas ao exercício da sexualidade por parte de jovens cujas trajetórias afetivo-sexuais poderiam, ou não, resultar numa gravidez. O presente trabalho objetiva explorar parte dos dados qualitativos deste projeto, referindo-se às 41 entrevistas realizadas com jovens de 18 a 24 anos entrevistados em profundidade em Porto Alegre. A partir de dados sócio-demográficos, foi possível analisar a situação dos entrevistados e, especialmente, os raros casos (apenas dois entre as 14 mulheres que engravidaram) declarados de opção pelo aborto no caso de gravidez. As análises preliminares mostraram que as mulheres declaram-se mais envolvidas *em união* (formais ou informais) que os homens, em todos os segmentos sociais; entre as mulheres de classes populares, quando há a presença de filhos, há também a formação uma nova família nuclear; e a opção pelo aborto, nessa faixa etária, é rara e apenas ocorre em situações específicas. Olhando esses dados em conjunto, pode-se sugerir que as jovens mulheres se pensam *em união*, de maneira diferente do que os homens. Nesse sentido, a gravidez não é um fato isolado, mas apenas uma consequência de uma suposta *união* que deve (ou deveria) tornar-se o início de uma nova família nuclear. É precisamente por isso que o aborto, embora possa ser cogitado, não é freqüente, nessa faixa etária de classe popular, já que *estar em união*, e *iniciar uma família* são dois fatos que vão no sentido contrário à opção pelo aborto. (PIBIC).